

humanitas

Vol. L - Vol. I


IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

VOL. L • TOMO I
MCMXCVIII

1.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA
DO DOUTOR JOSÉ GERALDES FREIRE



PENA DA RAINHA E O SEU FORAL

TERESA AVELINA MARQUES MAGALHÃES

1. O Julgado de Pena da Rainha

O fenómeno da Reconquista desencadeou, por um lado, a necessidade de defesa e povoamento do território e, por outro, a organização e divisão territorial, em circunscrições administrativas, judiciais e militares, porque cientes da necessidade de assegurar a independência e o fortalecimento do estado, também os primeiros monarcas portugueses recorreram à concessão não só de cartas de foral, sobretudo nos séculos XII e XIII, mas também de cartas de couto a instituições religiosas e monásticas, em terras recém-conquistadas. É neste contexto político que, à maneira leonesa, perduram, ainda no século XIII, as circunscrições territoriais, chamadas terras e julgados.

Sobretudo na zona a norte do Mondego, existia uma certa *regularidade na divisão do território em julgados*¹, que se equiparavam às terras, embora nem sempre houvesse uma correspondência rigorosa.

O julgado era uma área constituída por freguesias - *colationes*, com a *jurisdição de um iudex que superintendia na administração e na justiça*², sob a autoridade do rei e em seu nome.

Do julgado de Pena da Rainha, que abrangia grande parte do actual concelho de Monção, criado pelo rei *bolonhês*, em 1268, faziam parte as

¹ Cf. CAETANO, Marcello, *História do Direito Português - Fontes - Direito Público (1140-1495)*, 3ª ed., Editorial Verbo, 1992, p.216.

² *Ibidem*, p. 216.

freguesias³ de S. Lourenço da Lapela, St^a Maria de Moreira, St^a Maria de Troporiz, St^a Maria de Abedim, S. Miguel de Barroças, St^a Eulália de Trute, St^a Eulália de Lara, S. Salvador de Cambeses, S. Tiago de Pias, o couto de S. Pedro de Merufe, St^a Maria de Lordelo, S. Cipriano de Pinheiros, S. João da Portela, S. Tiago de Anhões, S. Veríssimo de Luzio, S. Mamede de Troviscoso, o couto do Mosteiro de S. João de Longos Vales, St^a Maria de Longos Vales, o couto de S. Salvador da Barbeita, St^a Maria da Portela, St^a Eugénia da Barbeita e S. Miguel de Sago.

Neste julgado existiu o antigo castelo de Pena da Rainha, situado na actual freguesia de Abedim - Monção -, cujos vestígios um abade, no início do século XVIII, mandou destruir⁴. Figueiredo da Guerra⁵ chama a atenção para a indevida localização, por parte de alguns estudiosos, do *castelo de Pena da Rainha no local do castelo de Fraião, no concelho de Valença*.

Na verdade, alguns investigadores têm confundido estes dois castelos. José Augusto Vieira⁶, por exemplo, na descrição que faz do concelho de Valença, faz coincidir, erroneamente⁷, o Castelo de Pena da Rainha com o antigo Castelo de Fraião, mas o certo é que estes dois castelos eram *cabeças de dois julgados no século XIII*⁸ e a localização do Castelo de Pena da Rainha, em terras pertencentes ao concelho de Valença, parece de todo improvável por duas razões fundamentais: primeiro o Castelo de Pena da Rainha e o Castelo de Fraião eram dois monumentos distintos; segundo estavam localizados em diferentes freguesias e concelhos - o de Pena da Rainha em Abedim, concelho de Monção, dado que *para a freguesia de Abedim, concelho de Monção, ramifica-se uma projecção da serra da Boulhosa e aí assentou o antigo castelo de S. Martinho da Penha ou de Pena da Rainha*⁹ e o de Fraião em Boivão,

³Cf. HERCULANO, Alexandre, *Portugaliae Monumenta Historica a Saeculo Octavo post Christum usque ad Quintumdecimum*. Publicados pela Academia das Ciências de Lisboa: "Inquisitiones" (vol. 1, fasc. III, 1891), Lisboa, pp. 369-374.

⁴Como nos dá conta GUERRA, Luís Figueiredo da, *Castelos de Viana do Castelo*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1926, pp. 37-38.

⁵*Ibidem*, pp. 37-41.

⁶Em *O Minho Pitoresco*, tomo I, Livraria de Antonio Maria Pereira-Editor, Lisboa, 1886, p. 87.

⁷Cf. Anexo I o mapa com a localização exacta destes dois castelos medievais, retirado de MATOS, Gastão de Melo, "Notas Sôbre o Riba Minho" em *Academia Portuguesa de História. Anais. Ciclo da Fundação da Nacionalidade*, vol. 1, Lisboa, 1940.

⁸*Ibidem*, p. 207.

⁹*Ibidem*, p.222.

concelho de Valença, situa-se *no planalto da serra da Boulhosa, nos penhascos da Furna, na freguesia de Boivão, concelho de Valença, onde campeara nos primórdios da nossa nacionalidade o castelo de Fraião*¹⁰.

Esta localidade, que constitui parte substancial do actual território monçanense, recebeu foral do rei D. Afonso III, em 1268. O foral de Pena da Rainha encontra-se no Livro I de Doações do Rei D. Afonso III, fl. 90 e seguintes e a sua transcrição foi feita por Alexandre Herculano na monumental obra *Portugaliae Monumenta Historica - Leges et Consuetudines*, volume I, páginas 710-712. Pareceu-nos oportuno, depois de ter confrontado a fotocópia do manuscrito facultada pelo Arquivo Nacional da Torre do Tombo com a transcrição feita por Alexandre Herculano, apresentar aqui a sua transcrição, respectiva tradução, uma breve análise do conteúdo dispositivo e um glossário.

2. Transcrição¹¹ e Tradução do Foral

Pena Regine

1268

Ex Lib. I Donationum sic dicto, Alphonsi III desumpsimus. Non aliud antiquum nobis cognitum manet exemplar.

In Dei nomine et eius gratia. Noverint universi presentem cartam inspecturi, quod ego Alfonsus Dei gratia Rex Portucalensis et Algarbii, una cum uxore mea Regina domna Beatrice regis Castelle et Legionis filia et filiis et filiabus nostris Infantibus domno Dionisio, domno Alfonso, domna Sancia facio cartam de foro vobis populatoribus de popula de Pena Regine tam presentibus quam futuris, videlicet: in primis concedimus vobis quod non detis pro homicidio nisi trecentos solidos in apreciadura, et de illis trecentis solidis

¹⁰*Ibidem*, p.221.

¹¹Na transcrição deste foral seguimos as seguintes normas:

- Respeito pela grafia original
- Normalização do *i e u* e do *j e v*
- Normalização do uso de letras maiúsculas e minúsculas
- Desdobramento dos sinais de abreviatura
- Redução a uma das consoantes iniciais geminadas

detis inde septimam ad palacium per manum iudicis. Et in aliquo preito vel in aliqua calumpnia non intret meus meirinus nisi iudex de vestro concilio. Et tertia pars de vestro concilio faciat fossatum, et alie due partes stent in ipsa popula de Pena Regine. Et de illa tertia parte que debuerit facere fossatum ille qui ibi non iverit, pectet pro fossadaria quinque soldos in apreciadura: et non faciatis fossatum nisi cum domino vestro una vice in anno, nisi fuerit per beneplacitum vestrum: et clerici et pedones non faciant fossatum. Et non intret ibi nuço nec manaria de aliquo homine de ipsa popula de Pena Regine. Et qui in termino de ipsa popula filiam alienam rapuerit contra suam voluntatem, pectet ad palatium trecentos soldos et exeat pro homicida. Et si aliquis inter vos in mercato aut in ecclesia aut in concilio pregonato percusserit suum vicinum pectet sexaginta solidos ad concilium, et sit inde septima de palatio per manum iudicis: et de quolibet furto, dominus furti recipiat suum cabum, et alias octo partes dividat cum iudice per medium. Et ille qui domum fecerit, aut vineam, aut hereditatem suam honoraverit et in uno anno in illa sederit, si postea in aliam terram habitare voluerit, serviat ei sua hereditas ubicunque habitaverit: Et si illam voluerit vendere vendat cui voluerit per forum de ipsa popula. Et homines de ipsa popula de Pena Regine qui debuerint facere iudicium aut aiuntam cum hominibus de aliis terris, habeant illud in capite suorum terminorum. Damas vobis pro foro quod miles de ipsa popula de Pena Regine stet pro infancione de toto meo regno in iudicio et in iuramento, et vincat ipsum cum duobus juratoribus: Et pedes stet pro milite villano de totis nostris terris in iudicio et in iuramento, et vincat cum duobus juratoribus. Et homines qui de suis terris exiuerint cum homicidio aut cum muliere rousada uel cum alia qualibet calumpnia excepto quod non ducat mulierem alienam de benedicionibus et fecerit se vassalum de aliquo homine de ipsa popula de Pena Regine, sit liber et defensus per forum de ipsa popula. Et si homo de qualibet alia terra venerit cum inimicia aut cum pignora postquam in termino de ipsa popula de Pena Regine intraverit, si inimicus eius post ipsum intraverit et ei pignus abstulerit aut aliquod malum ei fecerit pectet domino qui tenuerit ipsam populam quinque solidos et duplet pignus ei cui abstulerit et livores quos fecerit. Et qui hominem de ipsa popula de Pena Regine pignoraverit et ante eum non pecierit ad directum in concilio vestro pectet ad palatium sexaginta solidos et duplet pignoram illi cui abstulerit. Et homo de alia terra qui militem de ipsa popula de Pena Regine descavalgaverit pectet sexaginta solidos: Et homo de ipsa popula qui militem de alia terra descavalgaverit, pectet quinque solidos: et si homo de alia terra apprehenderit hominem de popula de Pena Regine et eum in prisione miserit, pectet trecentos

solidos. Et si homo de ipsa popula de Pena Regine apprehenderit hominem de alia terra, pectet quinque solidos. Et si homo de popula de Pena Regine pro aliqua fideiussoria per medium annum non fuerit requisitus, sit liber de illa: Et si mortuus fuerit, mulierem vel filii eius sint liberi de illa. Et homines de ipsa popula de Pena Regine non solvant pignora pro domino de ipsa popula, neque meirino, nec sint pignorati pro suo vicino. Et milites de popula de Pena Regine et mulieres vidue non dent pausatam per forum de ipsa popula, nisi pedones per manum iudicis usque ad terciam diem. Et homines de vestris terminis vel de ipsa popula de Pena Regine qui sederint in vestris hereditatibus aut in vestris solaribus et domini eorum non fuerint ibi, veniant ad signum iudicis et dent fideiussores quod respondeant ad directum quando venerint domini sui: si fecerint calumpniam pectent eam dominis suis et septimam ad palatium: et non serviant ad alium hominem nisi ad dominos suos in quorum solaribus sederint. Et senare et vinee domini habeant tale forum quale senare et vinee vestre habuerint. Et qui vicinum suum occiderit et in domo sua fugerit qui post eum intraverit et ibi eum mactaverit, pectet trecentos solidos. Et qui mulierem aforciaverit et ipsa mittendo voces venerit, si ipse cum duodecim non potuerit se salvare, pectet trecentos solidos. Et qui mulierem alienam percusserit pectet ad suum maritum triginta solidos et septimam ad palatium. Et homo de ipsa popula de Pena Regine qui fideiussores voluerit dare pro intentione de qua eum inquietaverint et dederit duos homines et ipse tercius, si ille qui eum inquietaverit noluerit recipere fideiussores et postea eum mataverit, totum Concilium pectet homicidium suis parentibus. Et palatium domini Regis, et palatium Episcopi habeant calumpnia: Et tota ipsa popula habeat unum forum. Et homo de ipsa popula de Pena Regine qui pro fideiussore intraverit si contemptor eum non liberaverit, qualem fideiussoriam fecerit talem pectet: Et si habuerit illum suum *intentorem mittat illum pro se, et exeat ipse de fideiussoria. Et de suspecta de decem solidos ad minus, juret cum uno vicino qualem habuerit: Et de decem solidis ad supra, juret cum duobus vicinis. Et homo de ipsa popula de Pena Regine qui se tornare voluerit ad alium dominum ut ei benefaciat sua casa et sua hereditas et sua uxor et sui filii sint liberi et soluti per forum de ipsa popula. Damus eciam vobis pro foro quod non habeatis alium dominum nisi me Regem et uxorem meam et filios nostros. Et homo de ipsa popula de Pena Regine qui fuerit exheredatus et per manum suam non pectaverit suam hereditatem vadat illam accipere sine aliqua calumpnia. Et totus homo de popula de Pena Regine qui habuerit hereditatem in alia terra non faciat fossatum, nisi per forum de ipsa popula. Et homo de ipsa popula de Pena Regine qui habuerit mulierem ad*

benediciones, si eam leixaverit, pectet unum denarium ad iudicem: Et si mulier leixaverit suum maritum quem habeat ad benediciones pectet trecentos solidos, medietatem ad palatium, et medietatem ad suum maritum. Et qui disrumperit casam cum lanceis et cum scutis de la porta a dentro pectet trecentos solidos, medietatem ad dominum de ipsa casa et medietatem ad palatium. Et qui percusserit suum vicinum cum lancea, et exiverit de una parte ad aliam pectet viginti solidos et septimam ad palatium: Et si non exiverit ad aliam partem, pectet decem solidos. Et de plaga unde ossa exiverit, pro unoquoque osso pectet decem solidos et septimam ad palatium: Et alia plaga, quinque solidos et septimam ad palatium. Et pro tota pignora sive de palatio sive de concilio, recipiant fideiussores pro ad forum. Et concedimus vobis quod non habeamus defensam nec montem nec pelagum, nisi de toto concilio. Et montadigo de extremo de ipsa popula de Pena Regine accipiant illud milites de ipsa popula cum domino suo, et habeant inde terciam partem: Et nullus accipiat montadigo de ganatis de ipsa popula de Pena Regine. Et homines de ipsa popula de Pena Regina non dent portaticum in toto nostro Regno. Et de carrega de portadigo de peon, tres mealas: et de cavalo, 1 solidum: et de mulo, 1 solidum: et de bove, sex denarios: Et de toto portatico qui venerit ad populam de Pena Regine hospes ubi pousaverit habeat inde terciam partem, et portarius accipiat inde duas partes. Nenguno vizino non respondeat sine rancuroso. Totas istas intentiones iudicent alcaldes de ipsa popula de Pena Regine per suam cartam. Et alias intentiones iudicent secundum suum sensum sicut melius potuerint. Et damus et concedimus vobis quod noster riqus homo nunquam pauset in ipsa popula de Pena Regine nec in suo cauto: Et quod pro portatico et pro calumpniis et pro omnibus meis rendis et foris et directuris detis in quolibet anno nobis et nostris successoribus quatuorcentos morabitanos, et non magis, quales currerint in ipsa terra de Pena Regina de usuali moneta: et detis eos ad tercias anni extra ipsam populam de Pena Regine, videlicet primam terciam pro prima die Septembris, et secundam terciam pro prima die Januarii, et aliam terciam pro prima die Madii. Et vos non debetis in ipsa popula de Pena Regine recipere nec retinere homines meos forarios nec homines de meis regalengis de extra iudicatum de Pena Regine. Et si aliquis vicinus seu habitator de ipsa popula de Pena Regine habuerit aliquam hereditatem extra ipsum iudicatum, ille qui habitaverit in ipsa hereditate de extra ipsum iudicatum de Pena Regine, pectet vocem et calumpniam et det et faciat alios foros et directuras, quos et quas solebant dare de ipsa hereditate mihi et successoribus meis vel illi qui de me tenuerit ipsam terram in qua est ipsa hereditas de extra ipsum iudicatum de Pena Regine: et non se defendat per istum

forum supradictum. Et homines qui habitaverint in cautis vel in onrris vel in aliis hereditatibus de iudicatu de Pena Regine qui in renda de supradictis quatuorcentis marabitanis intrare et pagare voluerint teneantur et deffendantur per supradictum forum. Et si predicta renda intrare et pagare noluerint, pectent nobis supradictis populatoribus de popula de Pena Regine calumpnias et faciant et dent nobis alios foros et directos quos mihi debebant aut consuaverunt facere atque dare. Insuper retineo mihi et omnibus meis successoribus ius patronatus omnium ecclesiarum mearum in ipso iudicato et in supradicta popula constructarum et construendarum. In cuius rei testimonium dedi vobis populatoribus istam meam cartam apertam, meo sigillo plumbeo sigillatam. Datum Ulixbone, III die Julii, Rege mandante. Era M^a CCC^a VI^a.

Domnus Gonsalvus Garsie - tenens Neviam, conf.

Domnus Johannes de Avoino - maiordomus Curie, conf.

Domnus Alfonsus Lupi - tenens Ripam Minii, conf.

Domnus Didacus Lupi - tenens terram de Lameco, conf.

Domnus Petrus Johannis - tenens terram de Beria, conf.

Domnus Menendus Roderici - tenens Maiam, conf.

Domnus Petrus Poncii - tenens de Vouga, conf.

Domnus Petrus Johannis de Portello - tenens Sintriam et Leirenam

Domnus Stephanus Johannis - tenens Chaves, conf.

Johannes Suerii Conelius

Rodericus Garsie de Pavia

Fernandus Fernandi Cogominus

Petrus Martini Petarinus

Alfonsus Suerii - superiudex

Martinus Petri

Dominicus Petri

Johannes Fernandi

Alfonsus Johannis, test.

Magister Stephanus - archidiaconus Bracarensis

Magister Fernandus

Magister Petrus fisicus

Stephanus Petri de Ratis

Dominicus Viccentii - clerici domini Regis, test.

Domnus Martinus - archiepiscopus Bracarensis, conf.

Domnus Vicencius - episcopus Portugalensis, conf.

Domnus Petrus - episcopus Lamecensis, conf.

Ecclesia Visensis vacat

Ecclesia Colimbriensis vacat

Ecclesia Egítaniensis vacat

Domnus Matheus - episcopus Ulixbonensis, conf.

Domnus Durandus - episcopus Elborensis, conf.

Domnus Bartholameus - electus Silvensis, conf.

Domnus Stephanus Johannis Cancellarius Curie, conf.

Jacobus Johannis notarius Curie notuit.

Pena da Rainha

1268

Transcrevemos do Livro I das Doações de Afonso III. Não se conhece outro exemplar antigo.

Em nome de Deus e da sua Graça. Saibam todos os que virem a presente carta que eu Afonso, pela Graça de Deus Rei de Portugal e do Algarve, juntamente com a minha esposa a rainha Dona Beatriz, filha do rei de Castela e Leão e os nossos filhos, os Infantes Dom Dinis, Dom Afonso e Dona Sancha, que dou carta de foro aos povoadores presentes e futuros da póvoa de Pena da Rainha, a saber:

em primeiro lugar concedemo-vos que por homicídio não pagueis mais de trezentos soldos por decisão judicial e desses trezentos soldos pagueis a sétima parte ao palácio pela mão do juiz. E em qualquer pleito ou coima não entre o meu meirinho, mas somente o juiz do vosso concelho. E a terça parte do vosso concelho faça o fossado e as outras duas partes fiquem na vossa póvoa de Pena da Rainha. E daquela terça parte que deve fazer fossado, quem não for pague de fossadeira cinco soldos por decisão judicial. E não vades ao fossado a não ser com o vosso senhor uma vez por ano e por vossa livre vontade. Os clérigos e os peões estão isentos do fossado. E não entre aí emissário nem subalerno de qualquer homem dessa póvoa de Pena da Rainha. E quem raptar filha alheia contra sua vontade, no termo dessa povoação, pague ao palácio trezentos soldos e seja considerado homicida. Se algum entre vós no mercado, na igreja ou no concelho, agredir o seu vizinho pague sessenta soldos ao concelho e pague ainda a sétima parte ao palácio pela mão do juiz. E de qualquer furto o senhor receba o que lhe pertence e divida as outras oito partes a meias com o juiz.

Quem fizer casa, vinha ou herdade e aí viver durante um ano, se depois quiser morar noutra terra, conserve a sua herdade, não obstante habitar noutra parte; se a quiser vender venda-a a quem quiser pelo foro da vossa povoação.

Os homens da póvoa de Pena da Rainha que tiverem de julgar ou fazer reunião com homens de outras terras, façam-no dentro dos limites dos seus territórios. Damo-vos por foro que, em juízo e em juramento, o testemunho do cavaleiro dessa póvoa de Pena da Rainha seja equiparado ao infanção de todo o meu reino e que seja superior ao dele mediante dois testemunhos jurados e que o testemunho do peão, em juízo e em juramento, valha como o de cavaleiro vilão em todo o meu território e até seja superior mediante o testemunho de duas testemunhas. Os homens que saírem das suas terras por homicídio ou por ter violado mulher ou por qualquer crime, contanto que não traga mulher alheia de casamento religioso e se tornar vassalo de algum homem dessa póvoa de Pena da Rainha, seja livre e protegido pelo foro dessa póvoa. E se homem de qualquer outra terra vier como inimigo ou fizer penhora, a partir da entrada no território da póvoa de Pena da Rainha, se o seu inimigo entrar atrás dele e lhe tirar o penhor ou lhe fizer algum mal, pague ao senhor da póvoa cinco soldos e pague em dobro a penhora àquele que tiver lesado ou ferido.

Quem penhorar homem dessa póvoa de Pena da Rainha, sem antes o notificar directamente perante o vosso concelho, pague ao palácio sessenta soldos e pague a penhora em dobro àquele a quem lesou. O homem de outra terra que derrubar do cavalo cavaleiro dessa póvoa de Pena da Rainha pague sessenta soldos. E o homem dessa póvoa de Pena da Rainha que derrubar do cavalo cavaleiro de outra terra pague cinco soldos. Se homem de outra terra prender homem da póvoa de Pena da Rainha e o colocar na prisão, pague trezentos soldos. E se homem dessa póvoa de Pena da Rainha prender homem de outra terra pague cinco soldos. Se, homem da póvoa de Pena da Rainha não for demandado, por alguma fiança, durante meio ano, fique livre dela; se morrer, a mulher e os filhos dele fiquem também livres.

Os homens da póvoa de Pena da Rainha não saldem penhoras em favor do senhor da póvoa, nem do meirinho, nem sejam penhorados pelo seu vizinho.

Os cavaleiros da póvoa de Pena da Rainha e as mulheres viúvas não dêem pousada a não ser a peões pela ordem do juiz e pelo foro dessa póvoa, mais de três dias.

Os homens dos vossos territórios ou dessa póvoa de Pena da Rainha que morarem nas vossas herdades ou nos vossos solares e se os seus senhores não estiverem aí, compareçam perante o juiz e dêem fiadores que respondam

directamente, quando vierem os seus senhores; se fizerem algum delito, paguem-no aos seus senhores e a sétima parte ao palácio; e não sirvam a outra pessoa a não ser aos seus senhores em cujas casas viverem.

A seara e a vinha do senhor paguem o mesmo foro que pagar a vossa seara e vinha.

Quem matar o seu vizinho e fugir para sua casa, aquele que o perseguir e aí o matar, pague trezentos soldos.

Quem forçar mulher e ela própria vier a gritar, se não se puder justificar com doze testemunhas, pague trezentos soldos. E quem agredir mulher alheia pague ao seu marido trinta soldos e a sétima parte ao palácio.

O morador da póvoa de Pena da Rainha que quiser dar fiadores por uma acusação porque foi demandado e apresentar dois homens fiadores, além dele próprio, se aquele que o tiver demandado não quiser receber fiadores e depois o matar, todo o concelho pague o homicídio aos seus familiares.

Toda a vila tenha um único foro, incluindo o palácio régio e o episcopal, sem excepção.

O povoador da póvoa de Pena da Rainha que entrar fiador se o acusador não o libertar, pague tal fiança qual tenha dado, e, se tiver o seu queixoso, envie-o por si e saia ele próprio da fiança e, por suspeita de dez soldos no mínimo, jure com um vizinho o qual o saberá, e de dez soldos para cima, jure com dois vizinhos.

O povoador da póvoa de Pena da Rainha que quiser tornar para outro senhor que o beneficie, a sua casa, herdade, a esposa e os seus filhos sejam livres e isentos pelo foro da póvoa.

Damos também por foro que não tenhais outro senhor, a não ser a mim, o rei, a minha esposa e os nossos filhos.

O homem da póvoa de Pena da Rainha que for deserddado e não pedir a sua herdade para a sua posse receba-a sem qualquer acusação.

Todo o homem da póvoa de Pena da Rainha que habitar a terra não vá ao fossado, a não ser pelo foro da póvoa.

O homem da póvoa de Pena da Rainha que tiver mulher de casamento religioso, se a abandonar, pague um denário ao juiz. Se a mulher abandonar o seu marido que tiver de matrimónio pague trezentos soldos, metade ao palácio e metade ao marido.

Quem violar a casa com lanças e com escudos pela porta dentro pague trezentos soldos, metade ao senhor dessa casa e metade ao palácio. Quem agredir o seu vizinho com espada e ela saia de uma parte para outra, pague vinte soldos

e a sétima parte ao palácio e se ela não sair para outra parte pague dez soldos.

A fractura exposta donde saírem ossos, por cada osso, pague dez soldos e a sétima parte ao palácio e por outra chaga cinco soldos e a sétima parte ao palácio.

Por penhora quer seja ao palácio quer seja ao concelho, receba o fiador conforme o foro.

Concedo-vos que não tenham devesa, nem monte, nem água, a não ser os de todo o concelho.

O montádigo do extremo da povoação de Pena da Rainha recebam-no os cavaleiros da póvoa com o seu senhor e tenham ainda a terça parte e ninguém receba o montádigo dos gados da póvoa com o seu senhor e tenham ainda a terça parte. Ninguém receba montádigo de gado da póvoa de Pena da Rainha.

E os povoadores de Pena da Rainha não paguem portagem em todo o meu reino. De portagem por carga maior de peão três mealhas, de cavalo um soldo, de asno um soldo e de boi seis denários. De toda a portagem que chegar à póvoa de Pena da Rainha, o hospedeiro onde permanecer receba a terça parte e o porteiro receba duas partes.

Nenhum vizinho responda em juízo, sem a presença do queixoso. Todas estas questões julguem os alcaldes da póvoa de Pena da Rainha pela sua carta, e as outras questões julguem segundo o senso e como melhor puder.

Damos e concedemo-vos que o nosso rico homem nunca pouse na póvoa de Pena da Rainha nem no seu couto.

Pela portagem, pelas coimas e por todas as minhas rendas e foros e direitos dêem-nos a nós e aos nossos sucessores, em cada ano, quatrocentos morabitanos e não mais que a moeda corrente na terra de Pena da Rainha; e dêem-nos às terças do ano e o restante fica para a póvoa de Pena da Rainha, isto é:

a primeira terça no primeiro dia de Setembro; a segunda no primeiro dia de Janeiro; e a outra terça no primeiro dia de Maio.

Não deveis receber nem reter, na póvoa de Pena da Rainha, nem os meus homens nem foreiros nem homens dos meus reguengos de fora do julgado de Pena da Rainha.

E se algum seu vizinho, habitante da póvoa de Pena da Rainha, tiver alguma herdade fora desse julgado, aquele que habitar a herdade fora do julgado de Pena da Rainha, pague-vos a coima que der e faça-vos foros e direitos, os quais tinham por costume dar da herdade a mim e aos meus sucessores ou àquele que me substituir na terra na qual a herdade estiver de fora do julgado de Pena da Rainha e não se reja pelo foro acima dito.

E os homens habitantes nos coutos ou nas honras ou noutras herdades do julgado de Pena da Rainha que quiserem entrar e pagar da renda dos quatrocentos morabitinos já referida, deverão ser obrigados pelo dito foro. Se na dita renda não quiserem entrar e pagar, paguem a nós, os sobreditos povoadores da minha póvoa de Pena da Rainha as coimas e façam e dêem-nos os outros foros direitos que me deviam ou costumavam fazer e dar.

Além disso, retenho para mim e para todos os meus sucessores o direito de padroado de todas as minhas igrejas que no dito julgado e na dita póvoa estão já construídas ou a construir.

Em testemunho disto concedi aos meus povoadores esta minha carta aberta, autenticada com o meu selo de chumbo. Dada em Lisboa, ao quarto dia de Julho, por ordem do rei. Era 1306.

Dom Gonçalo Garcia - tenente do Neiva, conf.

Dom João de Aboim - mordomo da Cúria, conf.

Dom Afonso Lopes - tenente de riba de Minho, conf.

Dom Diogo Lopes - tenente de Lamego, conf.

Dom Pedro Joane - tenente da Beira, conf.

Dom Mendo Rodrigues - tenente da Maia, conf.

Dom Pero Ponces - tenente do Vouga, conf.

Dom Pedro João de Portelo - tenente de Sintra e de Leiria

Dom Estevão Eanes - tenente de Chaves, conf.

João Soares Coelho

Rodrigo Garcia de Paiva

Fernando Fernandes Cogominho

Pedro Martins Petarinho

Afonso Soares - sobrejuiz

Martinho Pedro

Domingos Pedro

João Fernandes

Afonso João, test.

Professor João - arcediogo de Braga

Professor Fernando

Professor Pedro - físico

Estevão Pedro de Rates

Domingos Vicente - clérigo do Rei, test.

Dom Martinho - arcebispo de Braga, conf.

Dom Vicente - bispo do Porto, conf.
Dom Pedro - bispo de Lamego, conf.
Igreja de Viseu vaga
Igreja de Coimbra vaga
Igreja de Idanha vaga
Dom Mateus - bispo de Lisboa, conf.
Dom Durão - bispo de Évora, conf.
Dom Bartolomeu - eleito de Silves, conf.
Dom Estevão Joanes - chanceler da Cúria, conf.
Jacob Joanes - notário da Cúria o fez.

3. Conteúdo Dispositivo

O foral outorgado por D. Afonso III, em 1268, aos povoadores de Pena da Rainha, determina as normas de jurisdição cível, criminal e processual, por que se devia reger esse julgado.

Da relação delito/coima verifica-se que estão nele contempladas infracções graves e outras menos graves. Destacam-se entre as graves a violação do domicílio, homicídio, rapto e o rouso. De entre as menos graves salientam-se a agressão com espada, a penhora de homem, a prisão e o furto.

Concretamente nas questões conjugais, o texto regista, aparentemente, como infracção de menor gravidade, aquela do marido que abandonasse a esposa, porque apenas pagaria um denário, mas se fosse a esposa a abandonar o marido, o montante da coima cifrava-se em trezentos soldos, repartidos igualmente com o marido e com o palácio. Mas esta desproporção na coima a aplicar terá mais a ver com a forma de matrimónio habitual na época, que era designado por *casamento de bênção*, realizado na Igreja e com o costume do *dote* ou *arras*¹² que o marido pagava à esposa, podendo mesmo lavrar-se uma carta de doação - *a carta de arras*. Daqui se depreende que a razão de ser da desproporcionalidade da coima que a esposa estava sujeita a pagar, poderia ter a ver também com o dote que ela recebera aquando do matrimónio.

¹²Cf. MARQUES, A. H. de Oliveira, *A Sociedade Medieval Portuguesa*, 5ª ed., Livraria Sá da Costa, 1987, pp. 115-117.

Nesta carta de foral também estão explícitos alguns privilégios concedidos aos habitantes de Pena da Rainha. Os seus habitantes estavam isentos do imposto de portagem, em todo o reino, e do de montadigo. Além disso, o depoimento do cavaleiro-vilão de Pena da Rainha era equiparado, em juízo, ao de qualquer infanção do reino, e o de peão ao de cavaleiro-vilão de fora da povoação. Qualquer fiador que não fosse demandado da fiadoria, no prazo de seis meses, ficava livre dela e, em caso de morte, a isenção estendia-se também aos descendentes e à esposa. No intuito de proteger os moradores do concelho de Pena da Rainha, o foral proíbia-os de pagarem as penhoras pelo senhor da terra ou pelo meirinho.

O valor da portagem a cobrar, na localidade, aos moradores de fora da povoação era calculado por cargas, a saber:

Receitas fiscais - Portagem	
Carga maior	Quantias
peão	3 mealhas
cavalo	1 soldo
asno	1 soldo
boi	6 denários

O documento também estipula os deveres dos habitantes da povoação. Um dos principais deveres era a obrigação de participar no fossado. Um terço dos cavaleiros deveria ir ao fossado, enquanto que os restantes dois terços ficavam na povoação, a defendê-la de possíveis ataques inimigos. Só os clérigos e os peões beneficiavam da isenção do fossado.

Outro dever igualmente importante era o tributo anual a pagar ao monarca, pelas coimas, rendas e foros, o qual se cifrava em quatrocentos morabitanos a liquidar em três prestações, respectivamente, no primeiro dia dos meses de Setembro, Janeiro e Maio.

Os habitantes de Pena da Rainha tinham o dever de dar pousada, só a peões, mas mediante ordem do juiz e desde que não ultrapassasse os três dias.

Em jeito de conclusão e para se compreender melhor o montante que era cobrado pelos diferentes delitos, apresenta-se de seguida o quadro sinóptico.

Delitos e Penas Pecuniárias

Delitos	Coimas
Homicídio	300 soldos
Rapto	300 soldos
Forçar mulher	300 soldos
Mulher que abandonar o marido	300 soldos (a meias para o marido e para o palácio)
Violar o domicílio com lanças e com escudos	300 soldos (a meias para o dono e para o palácio)
Homem de fora que prender homem de Pena da Rainha	300 soldos
Penhorar homem sem o notificar	60 soldos (mais o dobro da penhora ao penhorado)
Agredir o vizinho quer seja no mercado, na igreja ou no concelho	60 soldos
Homem de outra terra que derribar cavaleiro de Pena da Rainha	60 soldos (mais 1/7 ao palácio)
Agredir mulher alheia	30 soldos ao marido e 1/7 ao palácio
Agredir o vizinho com espada e tendo esta atravessado de um lado a outro	20 soldos 1/7 ao palácio
Agredir o vizinho com espada e não tendo esta atravessado de um lado a outro	10 soldos
Por chaga com ossos expostos	10 soldos (por cada osso) 1/7 ao palácio
Por outra chaga	5 soldos 1/7 ao palácio
Homem de Pena da Rainha que derribar cavaleiro de outra terra	5 soldos
Homem de Pena da Rainha que prender homem de outra terra	5 soldos
Inimigo que perseguir inimigo e se vingar de homem que vier de outra terra com inimizade	5 soldos (mais o dobro da penhora ao penhorado)
Homem que abandonar esposa	1 denário
Furto	Restituir o furto ao lesado e dividir oito partes com o juiz

3. Glossário¹³

Acusador - do lat. *accusatore*-. Aquele que intenta uma acusação.

Apreciadura - do v. lat. *appretiare*. É o valor monetário da pena aplicada a um delito.

Alcaldes - do ár. *al-qadi*. Autoridades eleitas pelos vizinhos para governar a povoação, sob a presidência do juiz.

Carga maior¹⁴ - É a carga de boi ou cavalo.

Casamento de bênçãos - Casamento religioso.

Cavaleiro - do lat. tardio *caballariu*-. Aquele que possuía cavalo e armamento completo para combater a cavalo.

Cavaleiro-vilão - Homem livre, oriundo de qualquer classe social, mas que deveria ter bens suficientes que lhe permitissem possuir cavalo e armas para prestação de serviço militar.

Couto - do lat. *cautu*-. Lugar imune e defeso, mediante a carta de couto. Em sentido restrito, couto era o limite da terra coutada.

Denário - do lat. *denariu*-. Antiga moeda romana que teve valores diferentes, nas diversas épocas.

Devesa - do lat. *defensa*. Terreno ou território vedado (defenso).

Fiador - do lat. *fidatore*-. Aquele que perante a justiça afiança, com os seus bens, em favor de outrem.

Fiança - do ant. fr. *fiance*. Bens materiais que se entregavam como garantia aos órgãos de justiça.

¹³Na elaboração deste Glossário recorremos a estas principais fontes: *Dicionário de História de Portugal*, 6 vols., Livraria Figueirinhas, Porto, 1990; COROMINAS, Joan, *Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana*, 4 vols., 1ª ed., Editorial Gredos, Madrid, 1955-1957, 3ª reimpressão, 1976; MACHADO, José Pedro, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 5 vols., 4ª ed., Livros Horizonte Lda, Lisboa, 1987; IDEM, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 6 vols., Publicações Alfa, 1991, Lisboa; IDEM, *Vocabulário Português de Origem Árabe*, Editorial de Notícias, 1991; SILVA, António de Morais, *Dicionário da Língua Portuguesa*, 12 vols., 10ª ed., Editorial Confluência, Lisboa, 1949-1959; SOUSA, Frei João de, *Vestígios da Língua Árabe em Portugal*, comentada e anotada por Fr. José de S. António Moura, 2ª ed., Lisboa, 1830; VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, 2 vols., Livraria Civilização, Porto, 1983-1984.

¹⁴Com base no foral monçanense de 1261, objecto de estudo da nossa Dissertação de Mestrado, que especifica o que deve entender-se por carga maior, menor e costal, apresentámos a definição de carga maior. Cf. MAGALHÃES, Teresa Avelina Marques, *Monção: Do Foral Velho ao Foral Novo*, Edição da Câmara Municipal de Monção, Monção, 1998.

Foro - do lat. *forum*. Foral. Lei dada pelo senhor ou pelo soberano. Imposto a pagar em géneros ou dinheiro.

Fossadeira - do lat. *fossatum*. Imposto que recaía sobre aqueles que, tendo a obrigação de ir ao fossado, não iam.

Fossado - do lat. *fossatum*. Expedição militar ou cavalgada.

Homicídio - do lat. *homicidium*. Tributo e pena devido a crime de homicídio.

Honras - do lat. *honor, oris*. Propriedade ou terra isenta de imposições ou tributos reais, devido ao estatuto social de nobreza do proprietário.

Infância - do lat. hispânico *infantionem*. Os infanções durante muito tempo constituíram o grosso da nobreza. A partir do século XV foram incluídos na classe inferior de cavaleiro. Faziam parte da comitiva dos grandes senhores, acompanhavam-nos à guerra e às cortes e gozavam de privilégios.

Julgado - do lat. *judicatum*. Sinónimo de concelho, terra ou termo que tinha juiz. No século XIV, com a ampliação dos concelhos, deixam de existir os julgados.

Juiz - do lat. *judex*. Era a autoridade a quem competia administrar a justiça. Inicialmente havia os Juizes da Terra, mas nem sempre estes administravam boa justiça, daí o aparecimento de indivíduos estranhos ao concelho - os Juizes de Fora - que tinham autoridade, concedida pelo rei, para administrar a justiça. Competia aos concelhos pagar-lhes ordenado.

Juizo - do lat. *judicium*. Julgamento ou prova judicial que se usava na Idade Média para decidir a culpabilidade ou inocência do acusado.

Jurador - do lat. *jurator*. Aquele que presta juramento.

Juramento - do lat. *juratio*. Acção de prestar testemunho.

Maninhádego - do lat. hispânico *manninu*. Era o imposto pago à Igreja ou ao Estado pelos casados que morriam sem descendência.

Mealha - do lat. vulgar *medalia*. Moeda de cobre equivalente a metade de um dinheiro.

Meirinho - do lat. *maiorinu*-. Oficial de justiça, de nomeação régia, encarregado de proceder a todas as diligências ordenadas pelos magistrados.

Montádigo - do lat. *montaticu*-. Imposto que antigamente se pagava para que os gados pastassem nos montes de certos senhorios.

Morabitino - do ár. *morabetin*. Antiga moeda árabe de cobre que corria em Portugal. No tempo de D. Manuel I os morabitanos velhos foram reduzidos a vinte e sete reais, embora este valor não fosse constante em todos os documentos.

Núncio - do lat. *nuntius*. Núncio ou lutuosa. Imposto que, por morte de alguém, os herdeiros pagavam ao senhor do soldo.

Peão - do lat. *pedone*. Soldado de infantaria que combatia a pé.

Penhora - do lat. *pignora*, pl. de *pignus*. Apreensão de bens a um devedor para pagamento judicial.

Portagem - do lat. *portaticum*. Imposto que recaía sobre a compra e venda de mercadorias efectuadas no concelho.

Pousada - do lat. *pausatio*. Obrigação de dar hospedagem até três dias, segundo o foro da terra.

Póvoa - do lat. *populu-*. Aglomerado populacional. Pequena povoação.

Preito - do prov. *plait*. Demanda ou litígio em tribunal ou perante uma autoridade.

Reguengo - do lat. *regalis*. Terras ou lugares que eram do património real.

Solares - do lat. *solaris*. Residência de um morador com terras de lavoura e onde o seu dono tinha homens assalariados.

Soldo - do lat. *solidus*. Antiga moeda que existiu em Portugal mesmo antes da Monarquia.

Terças do ano - do lat. *tertia*. Direito pago ao rei por todas as rendas da povoação ou do concelho.

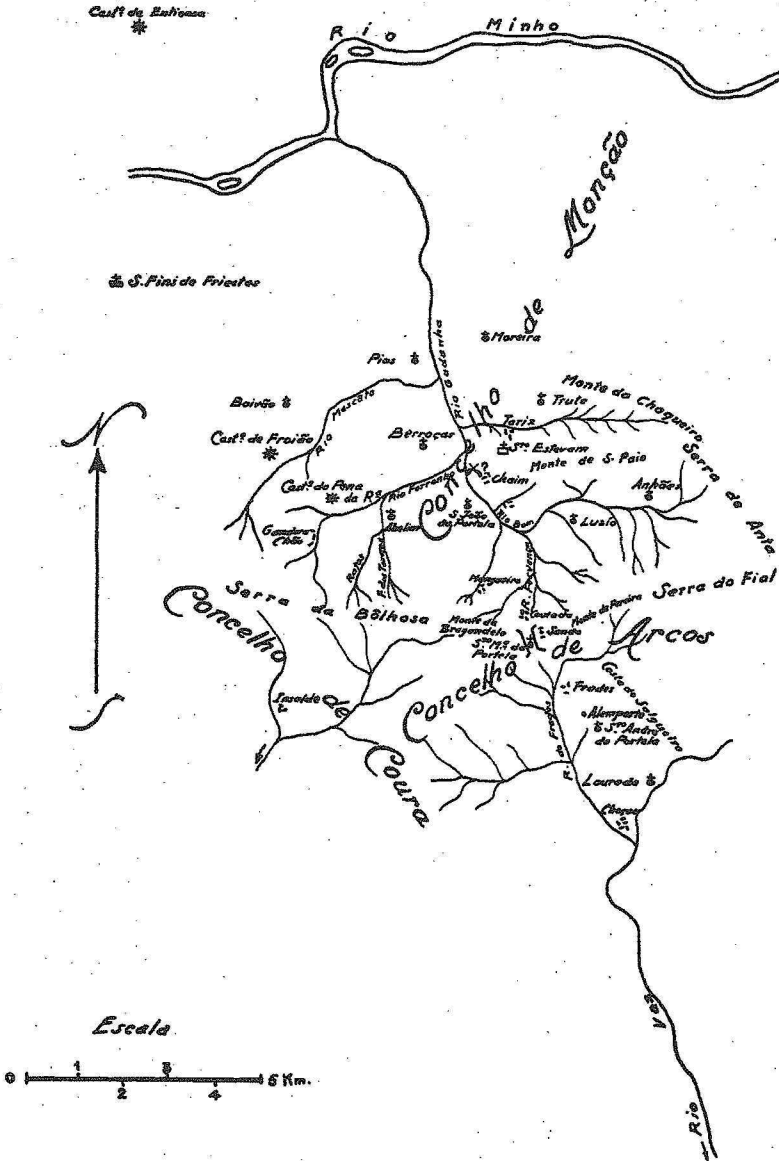
Vassalo - do lat. tardio *vassalus*. Aquele que estava dependente de um senhor.

Vizinho¹⁵ - do lat. *vicinus*. Aquele que sendo natural de um lugar, exercia um ofício e aí morava desde sempre, ou pelo menos há quatro anos consecutivos, com a sua família.

¹⁵Definição retirada do foral monçanense de 1261. Cf. MAGALHÃES, Teresa Avelina Marques, *Monção: Do Foral Velho Ao Foral Novo*, Edição da Câmara Municipal de Monção, Monção, 1998, p. 68.

Anexos

I
 Mapa da Região da Portela do Vez
 em MATOS, Gastão de Melo, *Ob. cit.*



ESBÓÇO III. — (REGIÃO DA PORTELA DE VEZ)

de populo de pena et regno cum p'sentib' qui su-
 nunt videlicet: In vniuers' q'dam' uobis q' no-
 dunt p' honradis nisi accentes. Et in p'p'ia
 dunt de illis de regno et de alijs de p'p'ia
 am ad pulat' p' manu iudicis. Et in aliquo p'
 yte ut in aliquo calumpnia no' iuret sine me
 ym' nisi iudex de uro conatio. Et t'ca p'p'
 de uro conatio faciat fossam. Et alio die p're-
 stent i' ipa' p'la de pena et regno. Et de illa
 t'ca p'p'ie que debent facere fossam ille q'
 ibi no' iuret. p'p'ia p'p'ia. quicq' solida
 in p'p'ia dunt. et no' faciant fossam i' cu' dno' uro
 una uice in anno nisi fuerit p' lene placat' no-
 stit'. Et t'ca et p' dunt no' faciant fossam. Et
 no' iuret ibi iugo nec manaria de aliq' loto
 de ipa' p'la de pena et regno. Et qui t'p'no' d'
 ipa' p'p'ia filia aliena impuerit q'm sua uoluit
 matrem. p'p'ia ad pulat' in p'p'ia. et ex t'ca
 p' honradis. Et si aliquis iur' uoz in iurato aut
 t'ca aut i' conatio p'p'ia iussione sua vi-
 cium p'p'ia p'p'ia. Et ad conatum. Et sic in
 sep' t'ca de pulato p' man' iudicis. Et de quolibet
 furo. dnt furo recipere sui cabi et alias acco-
 p'p'ia dunt. et iudice p' modum. Et ille q'
 conat' p'p'ia. aut modum. me h' dunt. p'p'
 honradis et in uno anno t' illa federe. si p'p'ia
 t'ca ipa' habuerit uoluit. p'p'ia et sua se-
 dunt ubi q'q' habuerit. Et si illa uoluerit
 uadere uadit et qui uoluerit p' fori de ipa'
 p'p'ia. Et h' dnt de ipa' p'p'ia de pena et regno
 me qui debent facere iudici aut ay' t'ca
 ad h' dnt de alijs t'ca. t'ca aut ali' uadit
 sui t'ca. dnt. dnt uobis p' foro q' n' l' s' p'
 ipa' p'p'ia de pena et regno p' p'p'ia
 ne de toto uro regno t' iudice t' in uniuers'
 t' t'ca ipa' cu' dno' uro. Et p' dnt
 p' dnt nullano de totis nisi t'ca in iudice
 t' in uniuers' t' iudice cu' dno' uro. Et
 h' dnt qui de suis t'ca et iudice ad honradis
 aut cu' muliere uisada ut cu' alia qualibet
 calumpnia excepit q' no' dunt muliere alie-
 na de uenditionibus t' fecere se uassallu'. de
 aliquo uicario de ipa' p'p'ia de pena et regno
 sic h' dnt de p'p'ia p'p'ia de ipa' p'p'ia.
 Et si homo de qualibet alia t'ca uenerit cu'
 me iudice aut cu' p'p'ia p'p'ia uoluit. si
 uniuers' et p' ipa' uoluit. et ei p'p'ia ab-
 stulit. aut alij manu et fecere. p'p'ia de
 manu qui t'ca. p'p'ia p'p'ia. q'q'.
 t' dnt p'p'ia et cu' ab h' dnt. t'ca q'q'
 p'p'ia. Et qui h' dnt de ipa' p'la de pena et
 dnt p'p'ia. t' dnt cu' no' p'p'ia ad
 dnt t' conatio. no' p'p'ia ad pulat' p'p'
 p'p'ia. Et dnt p'p'ia illi cu' ab h' dnt.

Et homo de alia t'ca qui iuret de ipa' p'p'ia
 de pena et regno de san' galuere. p'p'ia p'p'
 me. Et si homo de ipa' p'p'ia q' iuret de alia
 t'ca de san' galuere. p'p'ia q'q'. Et si ho-
 de alia t'ca appender' h' dnt de ipa' de
 pena et regno t' cu' t' p'p'ia iuret. p'p'
 t'ca. Et si homo de ipa' p'p'ia d' pena
 et regno appender' h' dnt de alia t'ca. p'p'
 q'q'. Et si homo de ipa' p'p'ia de pena et
 regno p' aliqua fideiussora p' modum. me no' p'p'
 t'ca. Et si h' dnt de alia. Et si homo iuret. mu-
 her ut filij ei' p'p'ia t'ca de alia. Et h' dnt de ipa'
 p'la de pena et regno. no' soluit p'p'ia p'
 dno' de ipa' p'la. neq' me. no' p'p'ia p'p'
 ma p' suo uicario. Et mulier de ipa' de pena
 et regno t' multo t'p' no' dnt p'p'ia
 p'p'ia de ipa' p'la. nisi p' dnt p' manu iu-
 d'ca usq' ad t'ca dnt. Et h' dnt de ipa' p'p'
 me ad de ipa' p'la de pena et regno q' p'p'
 t'ca p'p'ia h' dnt. t'ca t'ca p'p'ia. Et dnt
 no' fuerit ibi. ueniat ad signu' iudicis. Et
 fideiussores q' respondant ad dnt q'
 t'ca ueniat dnt sui. si fecerit calumpnia
 p'p'ia cu' dnt sui. t'ca ad pulat' in
 t'ca p'p'ia ad alium h' dnt in ad dnt p'
 q'q'. in quoz solant' p'p'ia. Et p'p'ia t'ca
 dnt ualeat tale foz. q' foz t'ca t'ca me
 habuerit. Et q' uicari' sui acciderit. Et do-
 mo sua fugit qui p' cum iudice t'ca
 iudice. p'p'ia t'ca. Et q' h' dnt
 t'ca. Et h' dnt t'ca q' iudice uice
 t'ca cu' dnt no' ueniat se soluit. p'p'
 t'ca t'ca. Et q' h' dnt t'ca p'p'
 t'ca p'p'ia ad sui mariti t'ca. Et t'ca
 ma ad pulat'. Et homo de ipa' p'la de pena
 et regno q' fideiussore aut uoluerit p' p'p'
 rions de qua eu' iudice. Et dnt dnt
 me t'ca t'ca. Et h' dnt t'ca uoluerit
 t'ca fideiussore t' p'p'ia cu' mariti t'ca
 cu' dnt t'ca p'p'ia t'ca p'p'ia. Et
 pulat' dnt t'ca. Et alia t'ca t'ca
 p'p'ia. Et t'ca ipa' p'la h' dnt t'ca p'p'
 homo de ipa' p'la de pena et regno q' p' fideiuss'
 t'ca t'ca. Et t'ca t'ca t'ca. Et
 fideiussora t'ca t'ca. Et si h' dnt
 illi sui t'ca t'ca t'ca. Et t'ca
 t'ca de fideiussora. Et de fideiussora de t'ca p'p'
 t'ca t'ca t'ca t'ca t'ca t'ca. Et
 de t'ca. Et t'ca t'ca t'ca t'ca t'ca. Et
 de ipa' p'la de pena et regno q' t'ca t'ca
 t'ca. Et h' dnt dnt t'ca t'ca t'ca t'ca
 t'ca t'ca t'ca t'ca t'ca t'ca. Et
 solua p'p'ia de ipa' p'la. Et t'ca t'ca t'ca
 t'ca q' no' t'ca t'ca t'ca t'ca t'ca t'ca
 t'ca t'ca t'ca t'ca t'ca. Et homo de ipa' p'la

III

Foral de Pena da Rainha

1268

Portugaliae Monumenta Historica - Leges et Consuetudines

PENA REGINE

PEXA DA RAINHA

1268

*Ex Lib. 1 Donationum. sic dicto, Alphonsi III desumpsimus. Non aliud antiquum nobis
mitum manet exemplar.*

In dei nomine et eius gratia. Nouerint vniversi presentem cartam inspecturi, Quod ego Alfonsus dei gratia
Port. et Algarbii, una cum vxore mea Regina donna Beatrice regis Castelle et Legionis filia et filis et filia-
nostris Infantibus domno Dionisio dompo Alfonso domna Sancia facio cartam de foro vobis populatoribus
popula de pena Regine tam presentibus quam futuris, videlicet : In primis concedimus vobis quod non detis
homicidio nisi trecentos solidos in apreiciadura, et de illis trecentis solidis detis inde septimam ad palacium
manum iudicis. Et in aliquo proyto vel in aliqua calumpnia non intret meus meyrinus nisi index de uestro
icilio. Et tertia pars de uestro Concilio faciat fossatum, et alio duo partes stent in ipsa popula de pena Regi-
Et de illa tertia parte que debuerit facere fossatum ille qui ibi non iuerit, pectet pro fossadaria quinque soldos
apreiciadura : et non faciat fossatum nisi cum domino uestro una vice in anno, nisi fuerit per beneplacitum
trum : Et clerici et pedones non faciant fossatum. Et non intret ibi nugo nec manaria de aliquo homine de
i popula de pena Regine. Et qui in termino de ipsa popula filiam alienam rapuerit contra suam uoluntatem,
tet ad palatium n^o soldos et exeat pro homicida. Et si aliquis inter uos in mercato aut in ecclesia aut in Con-
o pregonato percussorit suum vicinum pectet sexaginta solidos ad Concilium, et sit inde septima de palatio per
um iudicis : et de quolibet furto, dominus furti recipiat suum cabum, et alias octo partes diuidat cum iudice
medium. Et ille qui domum fecerit, aut vineam, aut hereditatem suam honorauerit et in uno anno in illa se-

derit si postea in aliam terram habitare noluerit, seruiat ei sua hereditas ubique habitauerit : Et si illam uoluerit uendere uendat cui uoluerit per forum de ipsa popula. Et homines de ipsa popula de pena Regine qui deherint facere iudicium aut ayuntam cum hominibus de aliis terris, habeant illud in capite suorum terminorum. Namus uobis pro foro quod miles de ipsa popula de pena regine stet pro infancione de toto meo regno in iudicio et in iuramento, et uincat ipsum cum duobus iuratoribus : Et pedes stet pro milite uillano de totis nostris terris in iudicio et in iuramento, et uincat cum duobus iuratoribus. Et homines qui de suis terris exierint cum homicidio aut cum muliere rousada uel cum alia qualibet calumpnia excepto quod non deuat mulierem alienam de benedicionibus et fecerit se vassallum de aliquo homine de ipsa popula de pena Regine, sit liber et defensus per forum de ipsa popula. Et si homo de qualibet alia terra uenerit cum inimicia aut cum pignora postquam in termino de ipsa popula de pena Regine intrauerit, si inimicus eius post ipsum intrauerit et ei pignus abstulerit aut aliquod malum ei fecerit pectet domino qui tenuerit ipsam populum quinque solidos, et duplet pignus ei cui abstulerit, et lioures quos fecerit. Et qui hominem de ipsa popula de pena Regine pignorauerit et ante eum non pocerit ad directum in Concilio uestro pectet ad palatium sexaginta solidos, et duplet pignoram illi cui abstulerit. Et homo de alia terra qui militem de alia terra descavalgauerit, pectet quinque solidos : et si homo de alia terra apprehenderit hominem de popula de pena Regine et eum in prisione miserit, pectet trecentos solidos. Et si homo de ipsa popula de pena Regine apprehenderit hominem de alia terra, pectet quinque solidos. Et si homo de popula de pena Regine pro aliqua fideiussoria per medium annum non fuerit requisitus, sit liber de illa : Et si mortuus fuerit, mulier uel filii eius sint liberi de illa. Et homines de ipsa popula de pena Regine non soluant pignora pro domino de ipsa popula, neque meyrino, nec sint pignorati pro suo vicino. Et milites de popula de pena regine et mulieres uidue non dent pausatam per forum de ipsa popula, nisi pedones per manum iudicis usque ad terciam diem. Et homines de uestris terminis uel de ipsa popula de pena regine qui sederint in uestris hereditatibus aut in uestris solaribus et domini eorum non fuerint ibi, ueniant ad signum iudicis et dent fideiussores quod respondeant ad directum quando uenerint domini sui : si fecerint calumpniam pectent eum domini suis, et septimam ad palatium : et non seruiant ad alium hominem nisi ad dominos suos in quorum solaribus et dierint. Et senare et uinee domini habeant tale forum quale senare et uinee uestra habuerint. Et qui vicinum suum occiderit et in domo sua fegerit qui post eum intrauerit et ibi eum mactauerit, pectet trecentos solidos. Et qui mulierem aforciauerit et ipsa mittendo uoces uenerit si ipse cum duodecim non poterit se saluare, pectet trecentos solidos. Et qui mulierem alienam percusserit pectet ad suum maritum triginta solidos et septimam ad palatium. Et homo de ipsa popula de pena Regine qui fideiussores dare uoluerit pro intentione de qua eum inquietauerint et dederit duos homines et ipse torcius, si ille qui eum inquietauerit uoluerit (sic) recipere fideiussores et postea eum matauerit totum Concilium pectet homicidium suis parentibus. Et palatium domini Regis, et palatium Episcopi habent calumpniam : Et tota ipsa popula habet unum forum. Et homo de ipsa popula de pena regine qui pro fideiussore intrauerit si contemptor eum non liberauerit, qualem fideiussoriam fecerit talem pectet : Et si habuerit illum suum intentorem mittat illum pro se, et exeat ipse de fideiussoria. Et de suspecta de decem solidos ad minus, iuret cum uno vicino qualem habuerit. Et de decem solidis ad supra, iuret cum duobus uicinis. Et homo de ipsa popula de pena Regine qui se tornare uoluerit ad alium dominum ut ei benefaciat sua casa et sua hereditas et sua uxor et sui filii sint liberi et soluti per forum de ipsa popula. Namus eciam uobis pro foro quod non habeatis alium dominum nisi mo Regem et uxorem meam et filios nostros. Et homo de ipsa popula de pena Regine qui fuerit exheredatus et per manum suam non peclauerit suam hereditatem uadat illam accipere sine aliqua calumpnia. Et totus homo de popula de pena Regine qui habuerit hereditatem in alia terra non faciat fossatum, nisi per forum de ipsa popula. Et homo de ipsa popula de pena Regine qui habuerit mulierem ad benedicones si eam leyxauerit pectet unum denarium ad iudicem : Et si mulier leyxauerit suum maritum quem habet ad benedicones pectet trecentos solidos, medietatem ad palatium, et medietatem ad suum maritum. Et qui disruperit casam cum lanceis et cum scutis dela porta a dentro pectet trecentos solidos, medietatem ad dominum de ipsa casa et medietatem ad palatium. Et qui percusserit suum vicinum cum lancea, et exiuerit de una parte ad aliam pectet viginti solidos et septimam ad palatium : Et si non exiuerit ad aliam partem, pectet decem solidos. Et de plaga unde ossa exiuerit, pro unoquoque osso pectet decem solidos et septimam ad palatium : Et alia plaga, quinque solidos et septimam ad palatium. Et pro tota pignora sino de palatio siue de Concilio, recipiant fideiussores pro ad forum. Et concedimus uobis quod non habeamus defensam nec montem nec pelagum, nisi de toto Concilio. Et montadigo de extremo de ipsa popula de pena Regine, accipiant illud milites de ipsa popula cum domino suo, et habeant inde terciam partem : Et nullus accipiat montadigo de ganais de ipsa popula de pena Regine. Et homines de ipsa popula de pena de Regine non dent portaticum in toto nostro Regno. Et de carrega de portadigo de peon, tres mealas : et de caualo, 1 solidum : et de mulo, 1 solidum : et de boue, sex denarios : Et de toto portatico qui uenerit ad populum de pena Regine hospes ubi pousauerit habeat inde terciam partem, et portarius accipiat inde duas partes. Nunguno uizino non respondeat sine rancuroso. Totas is

tas intentiones iudicent alcaldes de ipsa popula de pena Regine per suam cartam, et alias intentiones iudicent secundum suum sensum sicut melius poterint. Et damus et concedimus vobis quod noster Riquis homo nunquam pauset in ipsa popula de pena Regine nec in suo cauto. Et quod pro portatico et pro calumpniis et pro omnibus meis rendis et foris et directuris detis in quolibet anno nobis et nostris successoribus quatuorcentos morabitinos, et non magis, quales currerint in ipsa terra de pena de Regina de usuali moneta : et detis eos ad tercias anni extra ipsam populam de pena Regine, videlicet primam terciam pro prima die Septembris, et secundam terciam pro prima die Januarii, et tertiam terciam pro prima die Martii. Et vos non debetis in ipsa popula de pena Regine recipere nec retinere homines meos forarios, nec homines de meis regalengis de extra iudicatum de pena Regine. Et si aliquis vicinus seu habitator de ipsa popula de pena Regine habuerit aliquam hereditatem extra ipsum iudicatum, illo qui habitauerit in ipsa hereditate de extra ipsum iudicatum de pena Regine, pectet vocari et calumpniam et det et faciat alios foros et directuras, quos et quas solebant dare de ipsa hereditate mihi et successoribus meis vel illi qui de me tenuerit ipsam terram in qua est ipsa hereditas de extra ipsum iudicatum de pena Regine : et non se defendat per istum forum supradictum. Et homines qui habitauerint in cautis vel in onrris vel in aliis hereditatibus de iudicatu de pena regine qui in renda de supradictis quatuorcentis morabitinis intrare et pagare voluerint teneantur et defendantur per supradictum forum. Et si predicta renda intrare et pagare noluerint, pectent nobis supradictis populatoribus de popula de pena regine calumpnias et faciant et dent nobis alios foros et directos quos mihi debebant aut conserauerint facere atque dare. Insuper retineo mihi et omnibus meis successoribus ius patronatus omnium ecclesiarum mesurum in ipso iudicatu et in supradicta popula construarum et construendarum. In cuius rei testimonium dedi vobis populatoribus istam meam cartam aperiā, meo sigillo plumbeo sigillatam. Datum Vlixbone, m^o die Julii, Rege mandante. Era m^o ccc^o vi^o.

Domnus Gonsalvus garsie tenens Neuiam, conf. — Domnus Johannes de anoyno Maiordomus Curie, conf. — domnus Alfonsus lupi tenens ripam Minii, conf. — Domnus Didacus lupi tenens terram de Lameco, conf. — domnus Petrus iohannis tenens terram de Beria, conf. — Domnus Menendus roderici tenens Mayam, conf. — domnus Petrus poncii tenens terram de Vouga, conf. — domnus Petrus iohannis de Portello tenens Sistriam et Leyrenam, domnus Stephanus iohannis tenens Chaves, conf. Johannes snerii conelius, Rodericus garsie de Panya, Fernandus fernandi cogominus, Petrus martipi petarinus, Alfonsus snerii superiudex, Martinus petri, Dominicus petri, Johannes fernandi, Alfonsus iohannis, test.

Magister Stephanus archidiaconus Bracarensis, Magister Fernandus, Magister Petrus fisisus, Stephanus petri de Ratis, Dominicus vinecentii clerici domini Regis, test.

Domnus Martinus Archiepiscopus Bracarensis conf. — domnus Vincencius Episcopus Portugalensis conf. — domnus Petrus Episcopus Lamecensis conf. — Ecclesia Visensis vacat, Ecclesia Colimbricensis vacat, Ecclesia Egitanensis vacat, domnus Matheus Episcopus Vlixbonensis conf., domnus Durandus Episcopus Elborensis conf., domnus Bartholamens Electus Situensis conf. domnus Stephanus iohannis Cancellarius Curie conf. — Jacobus iohannis notarius Curie, notuit.